

**SOBRE INOVAÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS,
TÉCNICAS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA
NO PERÍODO DE 2008 A 2012**

SUELI MENELAU

UNB - Universidade de Brasília

sueli@ead.unb.br

BRENO GIOVANNI ADAID CASTRO

UNB - Universidade de Brasília

brenoadaid@gmail.com

SOBRE INOVAÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS, TÉCNICAS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NO PERÍODO DE 2008 A 2012

Área temática: Gestão da Inovação

Resumo

O presente trabalho visou delimitar o conceito de inovação social em seus aspectos epistemológico, morfológico, teórico e técnico, com a finalidade de embasar estudos sobre inovações que buscam resultados sociais. Na revisão da produção, de janeiro/2008 a janeiro/2013, constata-se que a temática tem sido concebida diversificadamente no âmbito da Administração, cujas notas centrais e vieses conceituais da noção de inovação social o Modelo Quadripolar de análise sumariza. Os achados mostram que o resultado da ação de organizações e pessoas, seja à solução de problemas, seja para concepção, desenvolvimento e difusão de um novo valor econômico e social, é a concepção vigente. Este entendimento instigou a proposição de uma agenda de pesquisa, tais como aumentar a busca pela edificação do constructo inovação social e determinar se a ocorrência da dinâmica de criação e difusão de valor em inovações sociais se relaciona com criação de risco e maior valor social percebido.

Abstract

The present work aimed to delimit the concept of social innovation in its epistemological aspects, theoretical, technical and morphological to support studies on innovations that seek social results. In the review of the production, of January/2008 to January/2013, noted that the theme has been designed within the Administration, and manhandle whose central notes and conceptual biases of the concept of social innovation the four-pole Analysis Model summarizes. The findings show that the result of the action of organizations and people, to troubleshooting, to design, development and dissemination of a new economic and social value, is the current design. This understanding instigated the proposition of a research agenda, such as increase the search for edification of construct social innovation and determine whether the occurrence of the dynamics of creation and dissemination of value in social innovations relates to creating risk and greater perceived social value.

Palavras-chave: Inovação Social. Modelo Quadripolar. Administração.

1 Introdução

A crise econômica mundial faz-se atualmente uma preocupação globalizada, afetando não apenas países em desenvolvimento como também nações localizadas em regiões desenvolvidas. Nesse contexto, pode-se dizer que essa crise se torna até mais inquietadora, provocando em governos e na sociedade, em defensores do liberalismo e do *welfare state*, o retorno da necessidade de se debater novos meios econômicos de inserção social que criem, ao mesmo tempo, estratégias que liguem a atividade produtiva a dispositivos que contemplem e incluam pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade social. Nessa conjuntura de indefinição do futuro, principalmente no que tange as questões do emprego e da renda, observa-se o interesse por ações que resultem no fortalecimento de condições sociais, não apenas em nível empresarial como também nas comunidades.

Cabe assinalar que o florescimento de iniciativas organizacionais que contribuam economicamente à superação de entraves, com soluções novas ou com reformulações de soluções já existentes não é de agora. Entretanto, a essas possibilidades de “combinação de diferentes conjuntos de conhecimentos” (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008, p. 35) e de reorganização das relações econômicas com o fim explícito de oferecer outras respostas para situações sociais insatisfatórias e problemáticas dá-se, usualmente, o nome de inovação social. E, no entanto, muito embora já se encontrem definições teóricas sobre o que vem a ser uma inovação social, como observam Pol e Ville (2009), ao se analisar a literatura produzida sobre inovação, em face de seus resultados sociais, confirma-se a banalização conceitual que vem acompanhando esta linha de orientação.

Mais especificamente, ao se consultar textos sobre a temática pode-se observar que esses trabalhos espelham certa confusão conceitual, sendo ainda verificada grande equivocidade envolvendo o conceito. Assim, com base neste escopo estabelece-se como objetivo deste artigo delimitar o uso do conceito inovação social em seus aspectos epistemológico, morfológico, teórico e técnico. Nesse sentido, propõe-se neste texto desenvolver uma análise semiestruturada em relação às visões e aos conceitos pré-estabelecidos sobre inovação social, buscando-se transitar por conceituações propostas pelos autores que representem novos desafios alvitrados pela dinâmica econômica da sociedade atual. Para tanto, revisou-se a produção científica referente ao período de janeiro de 2008 a janeiro de 2013 sobre inovação social em sete bases de dados.

O resultado desse levantamento está posto nas duas seções que se seguem, com a análise de 37 artigos científicos. O estudo foi estruturado na metodologia proposta por Bruyne, Herman e De Schoutheete (1975). Nesta metodologia, dados e postulados são postos em uma grelha de compreensão conhecida como Modelo Quadripolar, deslocando-se a análise para além de um conhecimento unidimensional, circunscrito aos procedimentos *standard* (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008). A pretensão foi que por meio do uso deste dispositivo metodológico fosse possível confirmar e reconhecer diferentes abordagens do quadro apresentado, elencando-se conceitos, hipóteses e teorias relativas a uma área do constructo inovação, no caso, a social.

Por fim, a última seção desse texto traz a discussão desses resultados e conclusões que o estudo permitiu chegar, apresentando ainda o entendimento epistemológico, técnico, teórico e metodológico do que os autores estão considerando como inovação social. Com base nesse escopo, os resultados encontrados instigam identificação de lacunas e proposição de uma agenda de pesquisa à temática, que permita prosseguir no aprofundamento e elucidação das questões tratadas no trabalho.

2 Referência metodológica

Para que se procedesse à investigação relatada neste texto, diante das diferentes abordagens presentes e em busca por clarificar o conceito de inovação social dando-lhe *identidade*, sem deixar de considerar o corte temporal, a escolha da metodologia de análise da literatura recaiu no enquadramento de dados e pressupostos pelo modelo articulado por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008, p. 15), pois se entende que a concepção da prática metodológica deve ser concebida “como um espaço quadripolar, construído num dado campo do conhecimento”. Esta postura, que lastreia o sistema de investigação do presente estudo é mostrada na Figura 1.



Figura 1: Dinâmica de investigação de pesquisa.
Fonte: Adaptado de Hébert, Goyette e Boutin (2008, p. 16).

A técnica consiste, basicamente, em analisar ontologicamente e epistemologicamente os fundamentos empregados por autores que pesquisaram um determinado campo temático. Argumenta-se que esta metodologia possibilita o aprofundamento da construção do objeto de análise, por meio dessas instâncias denominadas de polos. Os pressupostos constitutivos e os critérios de análise desse modelo Quadripolar estão indicados no Quadro 1.

INSTÂNCIA	PRESSUPOSTOS CONSTITUTIVOS	CRITÉRIOS
Polo Epistemológico	Construção do objeto de conhecimento na sua dimensão discursiva, seja através de paradigmas que o posicionam face ao tipo de relação que existe, delimitando posturas, seja através de linguagens científicas que distinguem as esferas de influência de campos de saber, ou ainda, na delimitação de critérios de cientificidade	<ul style="list-style-type: none"> * Tipo de inovação (OCDE, 2006) * Classificação de impacto (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008) * Criação e captação de valor (CHESBROUGH; APPELYARD, 2007) * Unidade de análise da inovação * Resultados visados/alcançados * Critérios de cientificidade (FLICK, 2009; LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008; SILVERMAN, 2009)
Polo Teórico	Formulação de hipóteses ou verificação e refutação, com postulação de novas hipóteses no percurso final	<ul style="list-style-type: none"> * Articulação do método (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008; SILVERMAN, 2009)
Polo Morfológico	Organização das informações	<ul style="list-style-type: none"> * Representação de resultados (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008; POUPART; DESLAURIERS; GROULX; LAPERRIÈRE; MAYER; PIRES, 2008; SILVERMAN, 2009)
Polo Técnico	Instrumentação da pesquisa por meio dos métodos de investigação empregados	<ul style="list-style-type: none"> * Técnicas de coleta e registro de dados (FLICK, 2009; LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008; REY, 2005)

Quadro 1: Base de análise do modelo Quadripolar.
Fonte: Elaborado a partir de Hébert, Goyette e Boutin (2008).

Nessa linha, a próxima seção contempla a análise quadripolar do processo de investigação sobre inovação social, que se desdobra em outras três: a primeira traz a apreciação do Polo Epistemológico; a que se segue contempla a discussão dos Polos Teórico e Morfológico, realizada conjuntamente, conforme recomendação de Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008); e a terceira subseção examina o Polo Técnico. Esta disposição da análise, também sugerida pelos autores, teve como objetivo facilitar a apreensão da articulação teórica sobre inovação social, haja vista que a configuração do objeto de estudo se traduz em sua própria exposição.

3 Inovação social segundo a lente do Modelo Quadripolar

Para mapear o estado da arte sobre inovação social foram consultadas as bases de dados *ABI/Inform Global*, *Emerald and Oxford Journals*, *JSTOR Arts & Science I Collection*, *Sage Journal on Line*, *SpringerLink*, *Scielo* e *Spell*, por serem estes portais os veículos que cobrem os periódicos de maior impacto na literatura indexada. A coleta do presente artigo se deu em janeiro de 2013, tendo seu horizonte temporal sido restrito para artigos que tenham sido publicados no período de janeiro de 2008 até esta data.

Constatou-se que, nas sete bases consultadas separadamente, excetuando-se o ano de 2010, com quatro obras apenas, a publicação tem se mantido constante no período pesquisado. Foram recuperados 40 artigos, entretanto, destes procedeu-se à análise de 37, tendo sido excluídos três textos¹. Na busca que determinou a escolha destes artigos, tomou-se como fundamento a existência do termo único inovação social e ou sua terminação em língua inglesa ou ainda, em espanhol, no título, no resumo, nas palavras-chave ou no assunto.

Sobre esta fase da coleta, comenta-se que destes textos apenas um se encontra escrito em espanhol, cinco em português e os demais em inglês. Neste esquadramento percebeu-se também que até o presente momento o tema inovação social não vem sendo privilegiado por nenhum periódico específico (mesmo que seu viés não seja de promoção de práticas voltadas ao mercado, e sim de escrutínio de ações que contenham teor social), estando os artigos pulverizados em 31 periódicos científicos.

3.1 Polo Epistemológico

Para Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008) deve-se iniciar a análise pelo Polo Epistemológico, por ser esta esfera que determina uma investigação, e não a técnica, já que a acepção do objeto de análise se dá em si mesmo. Com base nesse posicionamento, decidiu-se por em evidência não definições que levassem a elaboração de indicadores a serem empregados para monitorar o constructo inovação, mas preferências de investigação que delimitam o objeto de estudo e, em sequência, suas opções metodológicas. Por este motivo, elencaram-se quatro parâmetros vigentes no seio do paradigma de inovação, usualmente partilhados pela comunidade acadêmica, ainda que a tomada de posição de pesquisadores possa ser determinada por abordagens diferentes:

¹ Um artigo encontra-se redigido em croata (BECIC, E.; DABIC, M. *Analysis of croatian business sector investment in R and D. Revija za Sociologiju*, v. 39, Jun/2008, pp. 1-2); outro em alemão (TAFFERTSHOFER, A. *Der coaching-boom. Eine Printmedienanalyse. Organisationsberatung, Supervision, Coaching*, 2008, v. 15, n. 2, pp. 194-206), linguas fora do domínio de leitura da autora; e, o artigo *Networks as agents of innovation: teacher networking in the context of vocational and professional higher education reforms* (TAFEL-VIIA, K.; LOOGMA, K.; LASSUR, S.; ROOSIPÖLD, A. *Vocations and Learning*, May/2012) não tinha acesso liberado pelo Portal de Periódicos da CAPES.

- tipo de inovação, tendo sido adotado o posicionamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2006), ou seja, as inovações são entendidas como de produto, processo, organizacional ou *marketing*;
- classificação de impacto, segundo o grau de novidade (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008);
- criação e captação de valor (CHESBROUGH; APPELYARD, 2007), em que sopesou se as inovações foram criadas por organizações ou comunidades e se depois foram capturadas pelas organizações ou comunidades; e
- dimensão da inovação, onde atentou-se se a inovação se desenvolveu em nível ambiental, organizacional ou individual.

A partir dos quatro tipos de inovação propostos pelo Manual de Oslo (OCDE, 2006), em sua terceira edição, buscou-se o entendimento dos autores sobre as formas de mudança analisadas. No conjunto pesquisado, constatou-se que 33 dos artigos, 89% do total, valorizaram o escrutínio de mudanças organizacionais em oito aspectos distintivos em relação a: práticas organizacionais (BRUNSTEIN; RODRIGUES; KIRSCHBAUM, 2008; CHAND, 2009; DACIN; DACIN; TRACEY, 2011; FARAH, 2008; GARCÍA; GONZÁLEZ; ACEBRÓN, 2012; JOVER; CEREZO, 2008; LE BER; BRANZEI, 2009, 2010; LESSEM; SCHIEFFER; MOUSSAVIAN, 2010; MCMULLEN; ADOBOR, 2011; MORGAN, 2008; VOß; SMITH; GRIN, 2009); aprendizado e disseminação de conhecimento (ANDERSEN; LARSEN; MØLLER, 2009; FERNANDO, 2011; HANKE; STARK, 2009; KICKUL; GRIFFITHS; BACQ, 2010; MACIEL; FERNANDES, 2011; PÉREZ; BOTERO, 2011; WEST; HANNAFIN, 2011); colaboração, redes e governança (CONCILIO; DE BONIS; MARSH; TRAPANI, 2012; MACLEAN; HARVEY; GORDON, 2012; PAPAKOSTAS, 2011; POT; KONINGSVELD; ERG, 2009; POT; VAAS, 2008; TEETS, 2011); disposição do espaço urbano (ANDRÉ; REIS, 2009; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010); orientação estratégica (POT, 2011); sistemas de inovação (ADAM, 2011); cultura organizacional (D'AMATO; ROOME, 2009); e gestão de informação (JONES, 2011).

Nos demais trabalhos, averiguou-se que enquanto Doi e Yamada (2010) discutiram a inovação social advinda de um novo produto (*software*), Tavoletti e Velde (2008) focaram no aspecto do processo, estudando a implementação de um meio de distribuição significativamente melhorado. Em duas pesquisas, de Andrianova e Yeletskikh (2012) e Lefebvre (2012), as inovações que alavancaram mudanças se encontram relacionadas a experiências de *marketing*. E, em mais outras duas pesquisas, Bouchard (2012) e Hutchins e Hammers (2012), os autores compreenderam que a inovação social pode ser obtida por uma combinação de práticas organizacionais, seja com processos, seja com produtos, respectivamente.

No que diz respeito ao modo como se inova, considerando-se que este aspecto influi sobre o que é inovado, adotou-se neste estudo uma acepção restrita, ou seja, as pesquisas foram analisadas mediante o caráter da mudança definido ou por um melhoramento menor e moderado ou por uma benfeitoria “que transforma a forma como vemos ou usamos as coisas” (TIDD; BESSANT; PAVITT, 2008, p. 32). Introduz-se aqui que nem todas as inovações são instituídas do mesmo modo, em contrapartida, as mudanças relatadas foram ponderadas mediante o impacto que a novidade obteve, segundo classificação proposta por Tidd, Bessant e Pavitt (2008), ou seja, a melhoria foi julgada ou como incremental ou como radical. Nesse escopo, a tendência predominante nas pesquisas analisadas é que o impacto trazido nas categorias apresentadas influencia aspectos sem que haja alterações profundas do contexto, ocorrendo gradualmente. A exceção que se distinguiu foi o estudo de Le Ber e Branzei (2009), que combinou inovações de ‘sustentação’ às de ‘cataclismo’.

Em linhas gerais, pesquisas sugerem que, muitas vezes, inovações surgem de locais inesperados. Por causa disso, e considerando que existem pontos compartilhados, adotou-se a abordagem de Chesbrough e Appleyard (2007), para os quais criação (ação na qual as ideias inovativas são cunhadas) e captação de valor (ação na qual as ideias inovativas são transformadas em realidade) estão relacionadas em uma matriz bidimensional. Partindo do que se afirmou, o estudo sobre criação e captação de valor presente nas pesquisas desdobra-se segundo a Figura 2, mostrada a seguir.



Figura 2: Criação e captação de valor.

Fonte: Adaptado de Chesbrough e Appleyard (2007).

Nesses termos, dos textos analisados 52% identificam que organizações desenvolvem a lógica de criação, mas que a captação de valor é redirecionada, ou revitalizada, pelo ambiente (ANDRIANOVA; YELETSKIKH, 2012; ANDRÉ; REIS, 2009; BRUNSTEIN; RODRIGUES; KIRSCHBAUM, 2008; CHAND, 2009; CONCILIO; DE BONIS, 2012; DOI; YAMADA, 2010; FARAH, 2008; FERNANDO, 2011; GARCÍA; GONZÁLEZ; ACEBRÓN, 2012; JONES, 2011; JOVER; CEREZO, 2008; KICKUL; GRIFFITHS; BACQ, 2010; LE BER; BRANZEI, 2010; LEFEBVRE, 2012; LESSEM; SCHIEFFER; MOUSSAVIAN, 2010; MACLEAN; HARVEY; GORDON, 2012; PÉREZ; BOTERO, 2011; POT, 2011; VOß; SMITH; GRIN, 2009); 27% relatam que tanto criação quanto captação das inovações são realizadas nas próprias organizações (ANDERSEN; LARSEN; MØLLER, 2009; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010; D'AMATO; ROOME, 2009; HANKE; STARK, 2009; HUTCHINS, 2012; LE BER; BRANZEI, 2009; MCMULLEN; ADOBOR, 2011; POT; KONINGSVELD; ERG, 2009; TAVOLETTI; VELDE, 2008; WEST; HANNAFIN, 2011); 19% descrevem criação e captação de valor inovativo dirigidas pela comunidade (ADAM, 2011; BOUCHARD, 2012; DACIN; DACIN; TRACEY, 2011; MACIEL; FERNANDES, 2011; MORGAN, 2008; PAKOSTAS, 2011; TEETS, 2011). A lógica de captação de valor pela organização a partir da inovação criada pela comunidade foi identificada por apenas um estudo, que descreve a apropriação do conhecimento gerado pela comunidade por uma organização (POT; VAAS, 2008).

Identificou-se que a análise do impacto da inovação é entendida por meio de três níveis de unidades de análise, que representam a possibilidade de posicionamento de pesquisas sobre ocorrência de inovação: ambiental, organizacional e individual. No exame realizado apenas cinco desses estudos focaram suas análises sobre inovação em nível do indivíduo, ressaltando o papel dos chamados empreendedores sociais (DACIN; DACIN; TRACEY, 2011; KICKUL; GRIFFITHS; BACQ, 2010; LESSEM; SCHIEFFER; MOUSSAVIAN, 2010; MACLEAN; HARVEY; GORDON, 2012; WEST; HANNAFIN, 2011). Parte dos autores, representada por 11 estudos, veem o teor inovativo dos atos com

base no escrutínio de iniciativas organizacionais, onde as ações estão associadas a manifestações dos empreendimentos estudados, sejam estas Organizações Não Governamentais (ONG's) (BRUNSTEIN; RODRIGUES; KIRSCHBAUM, 2008; GARCÍA; GONZÁLEZ; ACEBRÓN, 2012), universidades (FERNANDO, 2011; PÉREZ; BOTERO, 2011), centros governamentais (POT; VAAS, 2008) ou empresas privadas das mais diversas áreas, tais como: I. saúde (LE BER; BRANZEI, 2009); II. bridging organizations² (MCMULLEN; ADOBOR, 2011); III. circense (ANDRÉ; REIS, 2009); IV. genéricas ou sem definição (D'AMATO; ROOME, 2009; HANKE; STARK, 2009; HUTCHINS, 2012). Os demais vinte e um artigos, cerca de 57% do total, discorreram sobre inovação dando ênfase a natureza coletiva e a transformação das relações sociais, abordando ações sob o aspecto político-social, ou seja, ambiental.

O estudo da aplicabilidade da inovação foi contemplado pelas pesquisas. Com este propósito, explorou-se, como parte ainda do constructo inovação o que foi apontado pelos autores como resposta para situações sociais insatisfatórias e problemáticas. Na maioria dos casos em que se mapeiam inovações a opção por este processo está associada, entre outros aspectos, a manutenção de competitividade e sustentabilidade. Por outro lado, quando inovações são relacionadas a ações sociais, por sua vez, a impossibilidade de redução das relações existentes entre práticas e impactos formula-se em interpretações que não são facilmente delimitáveis, mas são aceitas como elementos socialmente valorativos. Nesse sentido, destacam-se mais enfaticamente alguns interesses, como:

- incremento de educação, previdência, empregabilidade, saúde, justiça, (re)inserção social, ética, questões ambientais, qualidade de vida, sustentabilidade, engajamento e participação social, transparência, capital social, democracia, empreendedorismo; ou
- redução de criminalidade, pobreza, fome, corrupção, questões de gênero.

Outros interesses também são defendidos, contudo, são descritos pelos autores como qualquer tipo de impacto social, cujos contornos são vagos. Nesse contexto, cita-se o trabalho de Hutchins (2012), que relaciona a felicidade de uma comunidade como um dos impactos sociais inovativos percebidos. No entanto, a par desses interesses que foram mencionados e em seus complementos, verificou-se adoção e aceitação nos artigos que um relevante aporte das respostas tidas como inovativas visam elementos como desenvolvimento econômico e produtividade. Ou melhor, os estudos demonstram evidências da existência de uma relação entre resultados sociais alinhados com inserção e benefícios econômicos, associados à lógica empresarial.

Ainda dentro do polo epistemológico devem ser avaliados se os artigos descrevem critérios de cientificidade utilizados nos estudos. Assim como fizeram Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008, p. 63), “será aqui abordada de uma perspectiva epistemológica geral”, analisando-se critérios científicos que recebem atenção e mesma denominação em pesquisas qualitativas ou quantitativas. Fala-se, assim, de objetividade, validade e fidelidade. Flick (2009) afirma que para se avaliar objetividade, ou melhor, testar evidências encontradas (SILVERMAN, 2009), pode-se fazer uso de dois procedimentos: ou analisar a coerência de significados levantados com duas ou mais pesquisas independentes, ou confrontar a consistência do estudo a dados brutos. As suposições dos pesquisadores reveladas, coerente ao resultado auferido no próximo critério, demonstram que apenas 19% dos autores buscaram confronto dos conhecimentos obtidos com o chamado mundo empírico; em contrapartida os demais concentraram suas análises no esquema de consenso com os pares.

² Bridging organizations são organizações independentes que fornecem mecanismos para outras organizações, e indivíduos, trabalharem juntos.

Por validade entenda-se autenticidade da explicação dos autores (SILVERMAN, 2009) por meio de suas interpretações dos resultados. Com base nesse escopo, perpetuou-se a tipologia proposta por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008), em que a validade pode ser: aparente, na qual os dados surgem como evidentes; instrumental, ocorrendo quando dois instrumentos produzem resultados semelhantes; e teórica, na qual a teoria confirma os fatos. A Figura 3 representa proporcionalmente o apurado sobre os tipos de validade presentes nos textos:

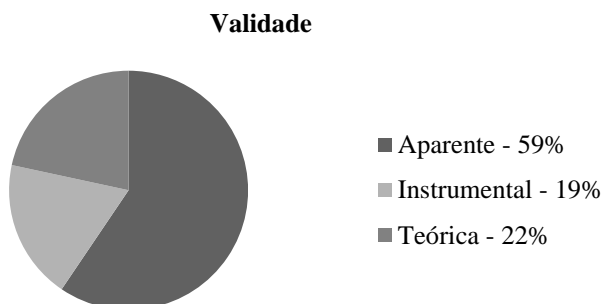


Figura 3: Tipos de validade.

No último critério de cientificidade examinado no Polo Epistemológico, o sentido adotado para fidelidade é o de Hébert, Goyette e Boutin (2008, p. 80), na afirmação “a fidelidade se baseia essencialmente em procedimentos de investigação cuja descrição está explícita” engendrada não em técnicas e instrumentos, mas sim na teoria. Sob este parâmetro, considerou-se que todos os 37 textos escrutinados buscaram resultados independentes das circunstâncias da pesquisa (resultados estes que se estenderam para além dos dados e dos resultados de seus estudos).

3.2 Polos Teóricos e Morfológicos

O Polo Teórico determina o envolvimento do pesquisador frente a uma dada formulação conceitual que propõe regras de interpretação à problemática de uma investigação (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008). Esta ideia alinha-se ao que postula Silverman (2009, p. 27), para quem “as metodologias não podem ser verdadeiras ou falsas, somente mais ou menos úteis”. Na pesquisa social, em nível macro, as regras articulam-se em métodos, sendo os mais citados pela literatura especificados em qualitativo e quantitativo. Com base nesse escopo, verificou-se nos artigos decompostos que a escolha do desenvolvimento de sua argumentação sobre inovação social seguiu o método qualitativo.

Em complemento, devido ao seu caráter estruturador do objeto científico, entende-se o Polo Morfológico como a estrutura necessária à edificação do método presente na atividade da pesquisa (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008), pois se trata de aparelhamento e exposição dos dados pesquisados, representando o produto dessa construção. Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008) declaram que a representação de resultados nas pesquisas é obtida por meio de três pressupostos: I. Formatação de modelos; II. Explicação (ensejo externo) e compreensão (causalidade interna), por meio de seis estratégias (enumeração, plausibilidade e recorte, emprego de metáforas, fracionamento de variáveis, abstração e estabelecimento de ligação lógica); e III. Objetivação dos achados, escrutinada por meio de três tipos de valorização: da neutralidade e observação a partir do exterior (modelo-tipo 1), da neutralidade e observação a partir do interior (modelo-tipo 2) e da prenoção e observação a partir de baixo (modelo-tipo 3) (POUPART et al., 2008).

Apenas dois dos textos recuperados – Doi & Yamada (2010) e Le Ber & Branzei (2009) - colocaram em evidência suas conclusões em dados reduzidos e organizados em modelos. Quanto à explicação e compreensão adotada pelos autores, as estratégias presentes nos textos se distribuem da seguinte maneira: um, de Farah (2008), buscou descobrir se há recorrência de elementos, organizando seus dados por enumeração; outros 11 (ADAM, 2011; ANDRÉ; REIS, 2009; ANDRÉ; ROUSSELLE, 2010; FERNANDO, 2011; KICKUL; GRIFFITHS; BACQ, 2010; LE BER; BRANZEI, 2010; MACLEAN; HARVEY; GORDON, 2012; MCMULLEN; ADOBOR, 2011; PÉREZ; BOTERO, 2011; TAVOLETTI; VELDE, 2008; WEST; HANNAFIN, 2011) no intuito de unificar a compreensão dos dados, construíram um encadeamento lógico das evidências; e os demais 25 buscaram sobressair em suas explicações relações entre os elementos através de configurações estabelecidas com plausibilidade e recorte. Por fim, todos os textos recorreram à objetivação dos resultados com base na escrutinação por meio do primeiro modelo-tipo de Poupart et al. (2008).

3.3 Polo Técnico

Neste Polo buscou-se capturar a articulação dos instrumentos pelos quais o pesquisador toma contato com a realidade objetivada, considerando sua opção metodológica. Toma-se emprestada a definição de instrumento de Rey (2005, p. 42), que o considera “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa”. Assim, situam-se neste polo dois parâmetros principais: técnicas empregadas para coleta e técnicas utilizadas na análise dos dados (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2008). Em equivalência, comenta-se que outras técnicas de coleta podem ser adicionadas à abordagem qualitativa: observação, entrevistas e grupos focais (FLICK, 2009; SILVERMAN, 2009). Quanto às técnicas utilizadas na coleta e análise de dados pelos pesquisadores, dos artigos considerados, 26 textos fazem uso exclusivamente de coletas e análises bibliográfica e documental, apesar de não explicitarem seu aporte metodológico ao longo da elaboração dos textos. Os demais, representando 19% do total, se distribuem como se segue.

A coleta exclusivamente por grupo focal limita-se ao texto de Pérez e Botero (2011), enquanto que a observação vem combinada com entrevista, nos textos de Brunstein, Rodrigues e Kirschbaum (2008) e Maclean, Harvey e Gordon (2012). A coleta por entrevista limita-se a nove textos, sendo um por entrevista estruturada, André e Rousselle (2010), outro por entrevista não estruturada (WEST; HANNAFIN, 2011) e seis por entrevista semiestruturada (ANDRÉ; REIS, 2009; FERNANDO, 2011; KICKUL; GRIFFITHS; BACQ, 2010; LE BER; BRANZEI, 2009, 2010; MCMULLEN; ADOBOR, 2011). Quanto às técnicas empregadas nas análises, de um modo geral não foi explicitada pelos autores. Nesse sentido destacam-se os textos de Pérez e Botero (2011) e West e Hannafin (2011), com emprego de análise por incidentes, Le Ber e Branzei, com uso de análise em nível de dupla (no texto de 2009) e de conteúdo (no artigo de 2010), e ainda Brunstein, Rodrigues e Kirschbaum (2008), com análise de informação textual.

4 Discussão e conclusões

Considera-se que ao se seguir as prescrições de Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008) para estudo dos textos, por meio do Modelo de Análise Quadripolar, adotou-se uma alternativa válida para escrutínio de um fenômeno complexo e em estruturação. Elevando-se deliberadamente a literatura revista dos últimos cinco anos, foi possível delimitar o emprego do conceito inovação social em seus aspectos epistemológico, morfológico, teórico e técnico. Nesse sentido, ao se realizar a análise das perspectivas adotadas pelos autores, e sua

operacionalização, percebe-se a necessidade crescente de uma matriz teórica que oriente pesquisadores de inovações sociais e lhes propicie categorias de análise que subsidiem a construção teórica do objeto.

Em termos epistemológicos, a análise proporcionou aspectos contextualizado e multidimensional ao constructo inovação social, haja vista que a estratégia adotada buscou demonstrar referências adotadas pelos pesquisadores em suas premissas. Em primeira instância, cabe apontar que o constructo inovação tem sido prioritariamente considerado como resultante de novas práticas gerenciais introduzidas em organizações, embora se incluam mais alguns aspectos como gestão dinâmica, organização flexível, trabalho mais inteligente, desenvolvimento de habilidades e competências, e redes entre organizações, tornando-se, como assinalam Pot e Vaas (2008), um conceito mais amplo. Ainda sobre o entendimento dos tipos de inovação, destaca-se que quando a perspectiva dos autores engloba redes e governança chama atenção o papel do poder e estratégias que promovam difusão. Quando visto como resultante de uma prática de *marketing*, ao invés de ressaltar o aspecto comercial e empresarial, como o aumento de lucros, a abordagem é empregada no sentido de promover perspectivas que realcem valores sociais.

Vale destacar que as pesquisas majoritariamente representaram as inovações sociais como etapas, pequenas variações, que levam à mudança social, ou seja, à transformação paulatina de relações sociais que estão na origem dos problemas. Essa característica coincide com a observação de Tidd, Bessant e Pavitt (2008), que quando a inovação é menos radical há maior chance de ser adotada, ou melhor, inovações mais alinhadas com o contexto em que estão situadas têm mais perspectiva de serem aceitas e difundidas. E, portanto, como Dacin, Dacin e Tracey (2011) concluíram, a adoção da inovação consegue legitimidade e é mais bem sucedida. Entretanto, a inovação social não pode ser considerada como exclusivamente resultante de ações voluntárias e racionais, surgindo também a partir da conjugação de impasses estruturais e da ação de movimentos sociais, como assinalam os estudos de André e Rousselle (2010) e Andersen, Larsen e Møller (2009).

Por conseguinte, e consonante com os demais aspectos epistemológicos apurados, as pesquisas relatam que em inovação social boa parte da criação de valor (cerca de 80% do total) vem de organizações e ou se dirigem às comunidades (52%), ou permanecem em seu contexto organizacional (27%). Nesse sentido, as pesquisas sugerem que há mais perspectiva de adoção de inovação quando esta é advinda de organizações. Há acordo entre os pesquisadores que a pressão por inovar é parte integrante das organizações sociais (BOUCHARD, 2012; CHAND, 2009; LESSEM; SCHIEFFER; MOUSSAVIAN, 2010; MACLEAN; HARVEY; GORDON, 2012; POT, 2011). Entretanto, na medida em que inovações sociais são criadas e aceitas podem tanto ser difundidas amplamente, sendo transformadas, por exemplo, em uma política pública (CONCILIO et al., 2012; POT, 2011; POT; VAAS, 2008), como permanecerem localmente incorporadas (Fernando, 2011).

A escolha da unidade de análise que os autores enfrentam, via de regra, é simplificada nos níveis ambiental, organizacional e individual. Dito isso, cabe ressaltar que se teve em mente que cada uma das pesquisas contempladas por este estudo apresentou a inovação escolhendo conscientemente um dos três níveis, melhor dizendo, a estrutura argumentativa dos pressupostos foi organizada de modo a corresponder à valorização do ponto de vista dos autores. Esse tipo de escolha é uma estratégia usual entre pesquisadores, entretanto, pode não estar alcançando, de fato, o fenômeno de inovação social, uma vez que a ação inovativa que ocorre em um dos níveis não pode ser reduzida a uma única perspectiva de análise.

Por exemplo, determinar que uma inovação social tenha como cerne de análise um empreendedor social, como ocorrido em 14% dos estudos, não compreende aspectos

relevantes do impacto deste tipo de inovação. Em contrapartida, a tendência em se enfatizar o constructo inovação social no âmbito ambiental, a partir da dimensão de articulação social, vendo-o como uma perspectiva transformadora de redistribuição (MORGAN, 2008), desenvolvimento democrático (ANDERSEN; LARSEN; MØLLER, 2009) e regulação do Estado (TEETS, 2011), não é explorada por todos os autores, estando presente em apenas 57% dos artigos. Este resultado assinala ser questionável se inovações sociais abarcam as dimensões pretendidas do meio acadêmico. Talvez esta assertiva se relacione tanto à ambiguidade quanto às limitações ainda presentes no conceito.

Quanto aos resultados sociais bem sucedidos obtidos por meio das inovações, identificou-se duas teses gerais. Uma perspectiva entende que inovações sociais incrementam soluções que conduzem à mudança social, sob o duplo impulso de criar novas combinações de ideias, recursos e capacidades que angariem valor (LE BER; BRANZEI, 2009). O outro ponto de vista presente compreende que inovações sociais implementadas reduzem problemas sociais, e, principalmente, resolvem problemas - como presente, a exemplo, dos textos de André e Reis (2009) e Concilio, De Bonis e Marsh (2012). Esses pontos, como bem observam Maclean, Harvey e Gordon (2012), despertaram significativamente o interesse acadêmico na forma de numerosas tentativas de conceituação de inovação social.

Dessa forma, amplia-se o entendimento de que inovações sociais são não apenas respostas às necessidades sociais específicas, como anunciado na seção introdutória deste texto, como são também propostas que visam à mudança social (BOUCHARD, 2012). No entanto, a análise indica que os resultados sociais refletidos nas inovações relatadas pelos autores aparecem ao longo do percurso, como coadjuvantes, pois as principais soluções sociais apresentadas emergem de ações que conseguem se estabelecer comercialmente. Portanto, a palavra social é concebida em torno do desenvolvimento econômico das organizações e, em consequência, dos contextos a elas articuladas. A Figura 4 permite explicitar o constructo inovação social.

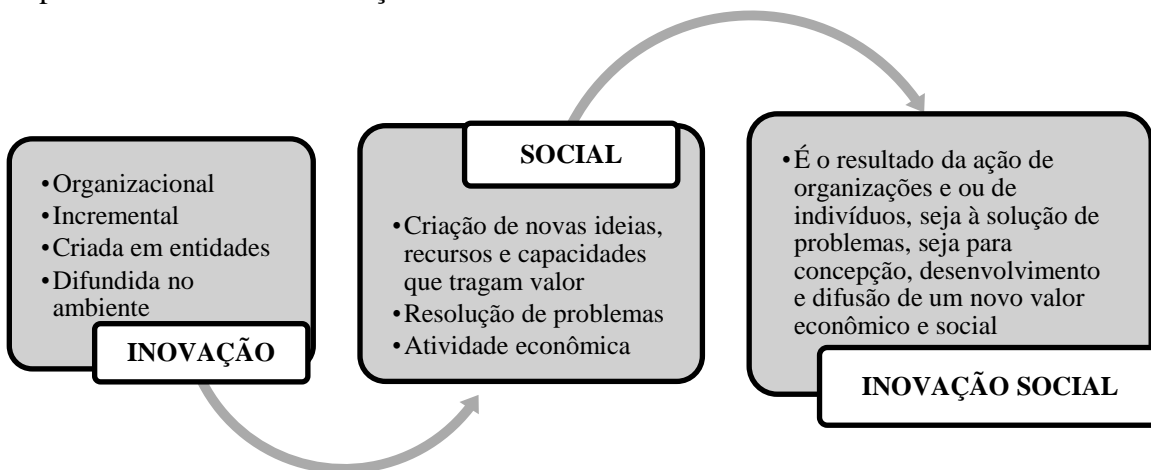


Figura 4: Inovação social.

Ainda considerando sobre o Polo Epistemológico, a construção teórica de textos também se fundamenta e revela nos critérios de cientificidade adotados. Sendo assim, os relatos despontam que a maioria dos autores, em torno de 81%, adota a objetividade teórica, enquanto cerca de 60% fundamentaram seus textos com base na validade aparente. Considerou-se ainda que os autores empregaram o critério de fidelidade em seus relatos, pois apresentaram resultados autônomos das conjunturas da pesquisa, ainda que os parâmetros não tenham sido explicitados. Ou seja, os artigos pesquisados apoiam-se, majoritariamente, em

teorias e discursos acadêmicos, pouco se aventurando pelo campo empírico de pesquisa, o que finda em limitar os potenciais *insights* advindos dos dados primários.

Na segunda instância de análise, Polos Teórico e Morfológico, relacionou-se o objeto com sua respectiva estratégia de pesquisa dos dados. Nesta pesquisa, a abordagem qualitativa revelada no Polo Teórico traduz-se em um recorte essencialmente não linear, assentado em análises indutivas, com formulações de pressupostos no decorrer das pesquisas, dando o tom das investigações sobre inovações sociais. Quanto à formatação dos resultados vislumbrada no Polo Morfológico, se de um lado a objetivação dos achados por meio de neutralidade e observação a partir do exterior se fez presente em todos os textos - o que, nos domínios da pesquisa acadêmica de Administração, não se torna uma surpresa -, por outro, condizente com a estratégia de pesquisa qualitativa, a formatação de modelos esteve presente em apenas dois dos artigos. Por seu turno, percebeu-se que a compreensão dos objetos se deu, majoritariamente em quase 70% dos textos, por meio da estratégia de plausibilidade e recorte, ou seja, buscando sobressair relações entre os elementos de pesquisa.

Por fim, a terceira instância de análise, o Polo Técnico, observou-se que entre os elementos metodológicos analisados, salta aos olhos que as investigações têm cunho exploratório, representado pela ascendência da abordagem qualitativa, procurando sondar e definir características que possam servir de guias idôneos tanto à estruturação do campo quanto à orientação prática. Entretanto, cabe aqui ressaltar que a apropriação majoritária de pesquisas fundamentadas apenas em dados secundários é considerada, assim como em Flick (2009), com restrição e ceticismo, haja vista que pode assumir a forma de becos sem saída ao limitarem-se a postular a noção de objeto, no caso, a inovação social, construído e recortado prioritariamente em razão da disciplina.

Uma vez ditas as três instâncias, a implicação teórica, em essência, que resulta do escrutínio da articulação dos aspectos epistemológico, morfológico, teórico e técnico do constructo inovação social traduz-se na Figura 4. Avalia-se que a emergência de aspectos que se revelaram no decorrer desta pesquisa ajudou a consolidar novos conhecimentos sobre inovação social, corroborando o entendimento que o conhecimento não é algo acabado, mesmo que se tenha iniciado de um referencial teórico determinado. Cabe ressaltar que o Modelo Quadripolar, por sua própria articulação, tem força significativa para contribuir à edificação do constructo, uma vez que ao desconstruir os pontos de vistas presentes nos 37 textos compreendidos por esta análise, despertou reflexões acerca do que vem sendo até o momento compreendido como inovações ditas sociais no âmbito do meio acadêmico.

Mas, como toda pesquisa é, antes de tudo, uma prática discursiva que representa uma escolha, assim como a reflexão sobre os textos puseram em debate as alegações neles presentes, convém, portanto, advertir que por essa lógica, tanto a argumentação desenvolvida por este estudo quanto à construção do constructo inovação social, explicitado na Figura 4, podem ser questionáveis. Com base nesse escopo, a edificação teórica aqui realizada não mergulhou nos fundamentos paradigmáticos que envolviam os pesquisadores, nem tampouco esteve apoiada em uma realidade empírica. E, por isso, ainda que o Modelo Quadripolar promova uma fértil interação interdisciplinar e tenha a perspectiva de superar análises lineares, no entanto, os resultados apresentados não podem deixar de ser avaliados como uma visão particular, mesmo que mais ampla e inclusiva.

Resta, portanto, dizer que a esses argumentos faz-se, necessário e oportuno, dar continuidade ao debate que permanece à busca de contribuições sobre inovação social. Assim, como parte de uma agenda de pesquisa para estudos futuros, propõem-se algumas questões: I. Edificar o constructo inovação social com ‘construções em segundo grau’ (POUPART, 2008), ou seja, com a incorporação de mais pesquisas constituídas por dados primários; II.

Determinar se a ocorrência da dinâmica de criação e difusão de valor em inovações sociais se relaciona com criação de risco e maior valor social percebido; III. Questionar sobre implicações do emprego de uma teoria orientada pela lógica empresarial, a de inovação, para explicar a práxis de atores conduzidos por uma coerência distinta; e IV. Apresentar semelhanças e diferenças na construção do constructo inovação social por meio de estudos longitudinais.

Finalmente, a pertinência teórica vem do grande valor empírico do próprio objeto. Portanto, este estudo destaca que não se trata de abandonar o uso do termo inovação social, ou mesmo de promover ações e pesquisas que contribuam à sua difusão e reflexão, no entanto, que o faça de modo diferenciado do senso comum, muitas vezes deslumbrado em torno da questão, permitindo prosseguir no aprofundamento e elucidação das questões tratadas ao longo deste trabalho.

Referências

- ADAM, F. Regional innovation performance in light of social-capital research and application. *Social Science Information*, v. 50, 3-4: p. 414-428. 2011.
- ANDERSEN, J.; LARSEN, J. E.; MØLLER, I. H. The exclusion and marginalisation of immigrants in the danish welfare society: dilemmas and challenges. *International Journal of Sociology and Social Policy*, v. 29 Iss: 5/6, p.274–286. 2009.
- ANDRÉ, I.; ABREU, A. Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, XLI, 81, 2006, p. 121-141.
- ANDRÉ, I.; REIS, J. O circo chegou à cidade! Oportunidades de inovação sócio-territorial. *Finisterra*, n. 88, pp. 79-94. 2009.
- ANDRÉ, I.; ROUSSELLE, M. Estratégias sociais criativas em Barcelona. O caso do walden-7. *Finisterra*, n. 90, pp. 71-90. 2010.
- ANDRIANOVA, O.; YELETSKIKH, T. Societal marketing: integration of European experiences into business practices in Belarus. *International Journal of Emerging Markets*, v. 7, n. 2, pp.107-131. 2012.
- BOUCHARD, M. J. Social innovation, an analytical grid for understanding the social economy: the example of the Québec housing sector. *Service Business*, v. 6, n. 1, pp. 47-59. 2012.
- BRUIN, A.; SHAW, E. Social innovation and social entrepreneurship: extending theory, integrating practice. *International Small Business Journal*, v. 29, n. 1, pp. 3. 2011.
- BRUNSTEIN, J.; RODRIGUES, A. L.; KIRSCHBAUM, C. Inovação social e empreendedorismo institucional: a ação da ONG "Ação Educativa" no campo educacional da cidade de São Paulo. *Organizações & Sociedade*, v. 15, n. 46. 2008.
- BUNTING, T. E. The challenge of social innovation in urban revitalization. *Canadian Journal of Urban Research*, v. 18, n. 1, pp. 123-124. 2009.
- CHAND, V. S. Beyond nongovernmental development action into social entrepreneurship. *Journal of Entrepreneurship*, v. 18, n. 2, pp. 139-166. 2009.
- CONCILIO, G.; DE BONIS, L.; MARSH, J.; TRAPANI, F. Urban smartness: perspectives arising in the Periphéria Project. *Journal of the Knowledge Economy*, n. 22. 2012.
- DACIN, M. T.; DACIN, P. A.; TRACEY, P. Social entrepreneurship: a critique and future directions. *Organization science*, v. 22, n. 5, pp. 1203-1213. 2011.

D'AMATO, A.; ROOME, N. Toward an integrated model of leadership for corporate responsibility and sustainable development: a process model of corporate responsibility beyond management innovation. *Corporate Governance*, v. 9, n. 4, pp.421-434. 2009.

DAVIES, W. Envisioning real utopias. *Renewal: a Journal of Labour Politics*, n. 18, v. ¾, pp. 153-155. 2010.

DOI, S.; YAMADA, K. Symbiotic technology for creating social innovation 30 years in the future. *AI & Society*, v. 26, n. 3, pp. 197-204. 2010.

FARAH, M. F. S. Disseminação de inovações e políticas públicas e espaço local. *Organizações & Sociedade*, v. 15, n. 45. 2008.

FERNANDO, M. A Social innovation based transformative learning approach to teaching business ethics. *Journal of Business Ethics Education*, n. 8, pp. 119-138. 2011.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.

GARCÍA, M. R.; GONZÁLEZ, L. I. A.; ACEBRÓN, L. B. The untapped potential of marketing for evaluating the effectiveness of nonprofit organizations: a framework proposal. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, n. 30. 2012.

GERSHUNY, J. I.; MILES, I. D. *The new service economy: the transformation of employment in industrial societies*. New York: Praeger Publishers, 1983.

HANKE, T.; STARK, W. Strategy development: conceptual framework on corporate social responsibility. *Journal of Business Ethics*, v. 85, Supplement 3: New Perspectives for Sustainable Business, pp. 507-516. 2009.

HARRISSON, D.; KLEIN, J. L.; BROWNE, P. L. Social innovation, social enterprise and services. In: GALLOUJ, F.; DJELLAL, F. (Eds.) *The handbook of innovation and services: a multi-disciplinary perspective*. Cheltenham: Edward Elgar, 2010. Cap. 9.

HUTCHINS, D. Hammers, nails, sealing wax, string and gunpowder! *AI & Society*, n. 5. 2012.

JONES, B. Hierarchies of action: a concept for library and information science. *Journal of Documentation*, v. 67, n. 4, pp. 695-709. 2011.

JOVER, J. N.; CERESO, J. A. L. Technological innovation as social innovation: science, technology, and the rise of STS Studies in Cuba. *Science, Technology, & Human Values*, v. 33, n. 6, pp. 707-729. 2008.

KICKUL, J.; GRIFFITHS, M.; BACQ, S. The boundary-less classroom: extending social innovation and impact learning to the field. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, v. 17, n. 4, pp. 652-663. 2010.

LE BER, M. J.; BRANZEI, O. (Re)Forming strategic cross-sector partnerships: relational processes of social innovation. *Business & Society*, March 2010; v. 49, n. 1, pp. 140-172, first published on September 1, 2009.

LE BER, M. J.; BRANZEI, O. Value frame fusion in cross sector interactions. *Journal of Business Ethics*, v. 94, Supplement 1, pp. 163-195. 2010.

LEFEBVRE, C. Transformative social marketing. *Journal of Social Marketing*, v. 2, n. 2. 2012.

LESSARD-HÉBERT, M; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. 3. ed. Instituto Piaget: Lisboa, 2008.

LESSEM, R.; SCHIEFFER, A.; MOUSSAVIAN, R. Rethinking management consulting: towards integral consulting. *Transition Studies Review*, v. 17, n. 1, pp. 194-203. 2010.

LEWIS, A. C. Identifying career pathways in high-needs communities. *Tech Directions*, v. 70, n. 2, p. 8. 2010.

MACIEL, A. L. S.; FERNANDES, R. M. C. Tecnologias sociais: interface com as políticas públicas e o Serviço Social. *Serv. Soc. Soc.*, n. 105, pp. 146-165. 2011.

- MACLEAN, M.; HARVEY, C.; GORDON, J. Social innovation, social entrepreneurship and the practice of contemporary entrepreneurial philanthropy. *International Small Business Journal*. 2012.
- MCMULLEN, R. S.; ADOBOR, H. Bridge leadership: a case study of leadership in a bridging organization. *Leadership & Organization Development Journal*, v. 32, n. 7, pp.715 – 735. 2011.
- MORGAN, D. American culture, corporate culture, and the transformation of business practice: the role of social foresight in a restorative economy. *Foresight: the Journal of Futures Studies, Strategic Thinking and Policy*, v. 10, n. 4, pp.31-42. 2008.
- PAPAKOSTAS, A. The rationalization of civil society. *Current Sociology*, v. 59, n. 1, pp. 5-23. 2011.
- PEMBER, M. A. Diversifying pedagogy. *Diverse Issues in Higher Education*, v. 25, n. 5, pp. 18-20. 2008.
- PÉREZ, J. E. A.; BOTERO, C. A. A. Transferencia de conocimiento orientada a la innovación social en la relación ciencia-tecnología y sociedade. *Pensam. gest.*, n. 31, pp. 137-166, 2011.
- POL, E.; VILLE, S. Social innovation: buzz word or enduring term? *Journal of Socio-Economics*, v. 38, pp. 878-885. 2009.
- POT, F. Workplace innovation for better jobs and performance. *International Journal of Productivity and Performance Management*, v. 60, n. 4, pp.404 – 415. 2011.
- POT, F. D.; KONINGSVELD, E. A. P.; ERG, E. Quality of working life and organizational performance - two sides of the same coin? *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*35. n. 6, pp. 421-8. 2009.
- POT, F.; VAAS, F. Social innovation, the new challenge for Europe. *International Journal of Productivity and Performance Management*, v. 57, n. 6, pp.468-473. 2008.
- POUPART, J; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1982.
- REY, F. G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SILVERMAN, D. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SILVERSIDES, A. Independent think tank closes doors. *Canadian Medical Association Journal*. v. 181, n. 12, E293. 2009.
- TAVOLETTI, E.; VELDE, R. Cutting Porter's last diamond: competitive and comparative (dis)advantages in the dutch flower cluster. *Transition Studies Review*, v. 15, n. 2, pp. 303-319. 2008.
- TEETS, J. C. Reforming service delivery in China: the emergence of a social innovation model. *Journal of Chinese Political Science*, v. 17, n. 1, pp. 15-32. 2011
- TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. *Gestão da inovação*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- VOß, J. P.; SMITH, A.; GRIN, J. Designing long-term policy: rethinking transition management. *Policy Sciences*, v. 42, n. 4, pp. 275-302. 2009.
- WEST, R. E.; HANNAFIN, M. J. Learning to design collaboratively: participation of student designers in a community of innovation. *Instructional Science*, v. 39, n. 6, pp. 821-841. 2011.

WOLFER, T. A.; HUYSER, M. Additional resources. *Social Work and Christianity*, v. 35, n. 4, pp. 504-505. 2008.